

“O domínio de alemão que a gente tinha não foi suficiente.”

JULIO CESAR DE OLIVEIRA, ESTUDANTE



Praça Maria Joana é opção de descanso

Uma das poucas áreas de lazer do bairro poderia ser melhor aproveitada pela comunidade

Paloma Rodrigues

A comunidade do Jardim São Remo tem uma praça ou, ao menos, o projeto de uma. Ainda não oficializada pela prefeitura, a Praça Maria Joana já tem placa e toda a estrutura tradicional: área verde, bancos e um espaço destinado ao lazer para, no futuro, receber parquinho infantil e mesas de jogos de xadrez e damas.

Vários grupos se reúnem no local. Pela manhã, crianças correm brincando sob a supervisão de seus pais. No começo da tarde, grupos de meninas conversam à beira da escadaria que dá acesso à praça. Muitos garotos chegam com suas bicicletas e por lá ficam horas a fio.

No final do dia, o local é parada obrigatória para mães que voltam com os filhos da escola.

Mas nem tudo é como deveria ser. Em meio às árvores há muito lixo. Os moradores cuidam em conjunto do lugar. A limpeza fica por conta de voluntários que se dispõem a preservar o espaço de lazer conquistado ali.

Ainda assim, o lugar se tornou um refúgio dentro da agitada São Remo. “É o único espaço verde que nós temos por aqui”, diz a moradora Luana Meireles.

Os são remanos sentem muita falta de espaços de lazer. A área já está lá e é aproveitada pela população da maneira que ela encontrou para suprir sua vontade de criar um es-

paço público de convivência. “A praça é um dos únicos lugares que temos para fugirmos do cinza da São Remo e é um espaço mal aproveitado. Seria bom ter mesinhas, bebedouros, cadeiras e brinquedos para as crianças”, sugere a são remana Priscila Cardoso.

Um projeto para o aumento dos itens de lazer da praça foi enviado à subprefeitura do Butantã em 2008. Ele pedia a colocação de brinquedos gira-gira para as crianças, barras de exercícios para os jovens e mesas com tabuleiros de jogos para a terceira idade.

A subprefeitura nunca respondeu a este pedido. Apesar disso, ainda há perspectiva e grande desejo de melhora.



BRUNA NOMELO

A praça fica na Rua Aquinés

Retorno da Alemanha MAE aberto às crianças

Rafael Monteiro

O NJSR, em sua terceira edição deste ano, falou sobre alunos do Projeto Alavanca que iriam para a Alemanha no mês de junho. Agora, os sete estudantes voltaram para a São Remo depois de um mês morando na Europa.

Elizabeth Gonçalves, uma das coordenadoras do programa, acompanhou os jovens ao longo de toda a preparação até o momento de partida. Os diversos choques culturais marcaram bastante os intercambistas. Hospedados em casas de famílias locais, os estudantes brasileiros puderam entrar em contato com as diferenças de hábitos cotidianos.

De acordo com Elizabeth, economia de água, maior preocupação

com o meio ambiente, uso constante de bicicletas e, em alguns casos, vegetarianismo foram algumas das mudanças provocadas por esse contato. O uso de bicicletas como meio de locomoção foi muito comum e, às vezes, até exaustivo, mas deixou a vontade de continuar com o hábito mesmo numa cidade difícil como São Paulo.

Outra barreira cultural foi a língua. O estudante Julio Cesar de Oliveira disse que o conhecimento de alemão que eles possuíam não foi suficiente, e fez bastante uso do inglês. Depois da volta, os alunos continuam os estudos do idioma alemão, já pensando no ano que vem, quando os são remanos receberão aqui no Brasil os jovens que os hospedaram por lá.

Rafael Monteiro

Eva Maria Conceição, a dona Eva, em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, mantém um projeto educativo voltado às crianças da comunidade. A iniciativa começou com o desejo de limitar o uso de drogas por crianças com dez anos ou menos.

O projeto consiste em ocupar o tempo das crianças com atividades desenvolvidas no espaço do museu ou com brincadeiras, a fim de minimizar o contato com as drogas e suas consequências.

As atividades contam com a participação de educadoras e variam de desenhos e trabalhos com argila a narrações. Já foi produzido um jornal e até uma exposição com

suas produções está sendo montada no museu.

A parceria com o MAE teve início como parte de uma mobilização, ainda que pequena, para tentar conter e, quem sabe, transformar os efeitos dessa exposição precoce a drogas. As atividades no espaço do museu são desenvolvidas duas vezes por semana e hoje o interesse das crianças parece ter crescido. Em cada um dos dias reúnem-se cerca de vinte crianças.

Para dona Eva, no entanto, a frequência ainda é pequena. Somente dois dias por semana não é o bastante para o trabalho, e há que se ampliar o projeto. Tentativas para conseguir uma sede própria vêm sendo feitas há algum tempo, ainda sem sucesso.